

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

Rogamos ao Sr. *Belliago* de Tavira, tenha a bondade de nos fazer chegar á mão cópia da sua interessante carta sobre a *fonte dos leprosos*, que por um acaso singular e unico se nos extraviou já na officina; e sentiríamos que o publico ficasse privado de noticia tão curiosa por si, e tão auctorizada por quem n'a escreveu.

O *Natal sueco* por falta de espaço hoje, fica ainda transferido.

Ao nosso amigo e condiscipulo o Sr. *Senna Fernandes*, supplicamos nos releve de qualquer imputação, por não termos ainda podido dar entrada ao seu artigo o *Tumulo de uma princeza*, que já temos em nosso poder desde 16 de dezembro.

Por superabundancia de originaes tem ficado igualmente para traz o *Protestantismo da ilha da Madeira*; o segundo artigo sobre *o trabalho nos dias sanctificados*; o romance *o governo nas mãos do villão* pelo Sr. *Pereira da Cunha* e outros opusculos de diversos auctores,

CONHECIMENTOS UTEIS.

AMOREIRAS BRANCAS.

ANNUNCIO.

2496 No largo das Duas Igrejas, tem o florista que se acha junto do Loreto, á amostra amoreiras brancas, para plantação, de excellente qualidade, e as melhores tanto para a criação da seda, como para sombra.

PREPARO DO TRIGO PARA SEMEAR.

2497 Por muitos modos se tem experimentado mediar os trigos de semente para livrar as searas da alforra e mórão. Dos methodos propostos, uns nunca produziram effeito, outros produzem pouco e quasi todos tem sua impertinencia com que se não dá o genio despachado do lavrador. A Revista encyclopedica de Paris de abril de 1843 propõe o seguinte, que, segundo ella, tem a vantagem de escolher e curar o grão, de lhe dar uma especie d'adubio anticipado e de o deixar em estado de se não perder, ainda que haja demora em o lançar á terra. — Metta-se meio alqueire de trigo pouco mais ou menos n'uma celha: deite-se-lhe agua por cima; lave-se muito bem remechendo com um páu: despeje-se a agua suja; deite-se-lhe outra e lave-se de novo. Repetindo a operação até que a agua saia já de todo pura. Prompta esta porção de trigo prepara-se do mesmo modo a segunda, depois a terceira e assim até ao fim.

Lance-se-lhe então sal em quantidade; sal forte e quanto mais forte melhor, deixando sempre o trigo debaixo da agua e revolvendo-o bem. A avease a ha, e outros quaesquer grãos e sementes mais leves que as do trigo, vem ao de cima e lançam-se fóra. Deixa-se o trigo de molho por um dia e até por dois ou tres, e se

não ha pressa de semear pode-se deixar uma semana e mais. Poem-se então em seco e lança-se-lhe cal morta: está prompto.

NOVO SILLOMETRO, OU BARQUINHA PARA MEDIR A VELOCIDADE DOS NAVIOS.

2498 M. RUSSEL fez recentemente em Inglaterra uma excellente applicação de um principio de hydrodynamica assas conhecido, para determinar com extrema exactidão a velocidade de qualquer embarcação. Já por vezes, mas em vão se tinham feito tentativas a semelhante respeito, as quaes não tiveram bom resultado. — É sabido que se um vaso estiver cheio de agua até certa altura, e que tenha um orificio junto á base, o fluido se despejará com uma rapidez proporcional á sua altura; e egualmente se aquelle vaso estiver vasio, e o seu orificio fór dirigido por uma corrente d'agua, esta se elevará no vaso a uma altura proporcionada á corrente do fluido exterior. Eis aqui pois em que consiste o apparelho construido sobre este principio: um tubo collocado na prôa ou avante do navio, se dirige em linha recta ao centro de gravidade da embarcação, e n'este ponto termina em outro tubo vertical de vidro no qual sobe ou desce a agua segundo a velocidade do navio. — N'este tubo se colloca exteriormente uma escalla fazendo coincidir o zero da mesma escalla no ponto, que atinge a agua, quando o navio está em movimento. A elevação da agua n'este canudo, quando o navio veleja, indica a rapidez com que atravessa o fluido.

M. Russel verificou em mais de vinte experiencias a grande exactidão d'este indicador abordo de navios que percorreram uma distancia, bem determinada, de 15 milhas e dois terços, e o reconheceu mui superior a quaesquer outros meios empregados até ao presente. Collocando uma torneira logo abaixo do canudo de vidro, alcançou grande regularidade, obtendo resultados identicos, que nunca chegaram a divergir a vigessima parte de uma milha. Em consequencia dos resultados das suas experiencias contruiu uma escalla, cujo resumo é o seguinte:

Na velocidade de 15 milhas por hora a agua se eleva acima do zero da escalla na altura de 7,56 pés ingleses: na de 13 milhas 5,68 pés: na de 11 milhas 4,07 pés: na de 9 milhas 2,72 pés: na de 7 milhas 1,65 pés; na de 5 milhas 0,84 pés: na de 3 milhas 0,302 pés: na de uma milha 0,034 pés. Do que fica exposto se reconhece a grande sensibilidade d'este util instrumento, pois que a pequena velocidade de uma milha, ou terço de legoa por hora, faz elevar a agua na altura de 0,034 pés, equivalentes a 46 millessimos de palmo, ou quasi a grossura de um dedo; e que a velocidade de 5 milhas levanta a agua na altura de 1,16 palmos.

Julgamos dever ampliar esta noticia advertindo que nos parece conveniente que o tubo horisontal seja feito de cobre ou zinco, collocando-o nos baileos, e de maneira que termine na prôa do navio muito abaixo da linha d'agua, a fim de que os corpos estranhos, que fluctuam ao nivel do mar, se não introduzam e obstruam o tubo horisontal, e tambem para que a embarcação nas oscillações de popa á proa, ou arfaduras, não ponha fóra d'agua o orificio do tubo conductor. Notaremos tambem que este novo sillometro fica sujeito como os outros á influencia das correntes

geraes que cruzam os mares; e por isso será apropriado para avaliar a velocidade das mesmas correntes, quando a embarcação se achar fundeada. A facilidade que nos parece offerecer o bello invento de Mr. Russell, podendo-se consultar a todos os instantes ao abrigo das intemperies e da escuridão, que tanto difficultam o uso da barquinha commum, durante a noite em occasião de tempestades, como muitas vezes o experimentámos, deve necessariamente convidar os maritimos intelligentes a ensaiar o seu uso a bordo dos navios que commandam. Outra applicação não menos util nos parece offerecer o instrumento para resolver muitos problemas de manobra, indicando com a maior exacção, e em acto continuo, os effeitos que produz na marcha do navio a addição ou subtracção de uma ou mais velas, ou a deslocação de pezos moveis, como por exemplo, de artilheria, ou da equipagem, os quaes com a sua prompta transferencia de um para outro sitio fazendo variar o tirante d'agua ou linha de fluctuação da embarcação, influem notavelmente na sua velocidade. — Terminaremos advertindo que um pé inglez equivale a 1,385 palmos portuguezes.

M. M. Franzini.

BREVES CONSIDERAÇÕES HYGIENICAS E ESPIRITUAES Á CERCA DO BAPTISMO.

(Carta.)

2499 Um nosso amigo commum, por causa do qual tenho hoje a honra de ser assignante da sua excellente Revista Universal, entre outras graças e favores me brindou com o tractado de Hygiene e Medicina Popular, do Sr. Centazzi, onde este sabio logo a principio faz a descripção dos perigos, que da acção da agua fria podem resultar aos recém-nascidos, quando se lhes administra o baptismo antes dos oito mezes da sua idade.

Respeito a opinião e saber do Sr. Centazzi, e supposto eu não seja da faculdade (porque apenas fiz em 1823 a minha formatura em canones, e tive occasião de tocar alguma coisa em materia de sacramentos) me parece poder encher um vasio, e desviar o perigo dos dois extremos; isto é nem sacrificar os tenros corpos á acção da agua fria; nem privar do meio de salvação a creaturas racionais, que por muitas outras causas podem perecer antes dos oito mezes, mesmo antes dos oito dias. Não se assustem os ternos paes, nem os ministros do sacramento com aquella descripção. Pouca gente ignora, mas cumpre recordar-lhes para o porem em uso, que tres são os modos de se applicar na Egreja Catholica a materia baptismal; — por aspersão, por effusão, e por immersão. Dos dois primeiros modos com devida moderação nenhum inconveniente pôde resultar, e nem do terceiro, posta a cautella de collocar a pia em sitio agazalhado, e mandar-se amornar a agua; sem que esqueça ter o baptizado o menos tempo possível á acção do ar, e depois de enxuto descobrir-lhe da parte do corpo quanto basta para a applicação dos Santos Oleos.

Esta minha reflexão, Sr. Redactor, creio-a mais hygienica, e importante do que a muita gente talvez pareça; e porque respeita aos dois grandes interesses, temporal, e espiritual, merece ocupar um cantinho do seu bom periodico, tão dedicado a estes mesmos

interesses. N'isto obsequiará o que se honra de ser, Amigo, contemporaneo e assignante.

Concelho da Eslarreja 16 de dezembro de 1843.

J. J. Lopes da Silva.

REMEDIO PARA INFLAMMAÇÃO DE OLHOS.

2500 O QUE vou expôr pertence á pharmacia que professo. Verdade é que não sigo o systema de andar fazendo annuncios de medicamentos especiaes; por me parecer que o muito prégar meritos deve dar suspeitas de falta d'elles.

No presente caso porém ha differença. Tracta-se de uma composição, que infelizmente pode ser muitas vezes necessaria. Julgo por tanto fazer um serviço proporcionando a todos os meios de poderem obtela pela sexta parte do seu preço actual. E o que mais é; sobre ser igual, ou superior á do commercio, em virtudes medicamentosas, tem a vantagem de nacional.

Não quero deprimir alheios interesses. Longe de mim uma tal intenção. Publicaria até a formula, se isso não offerecesse inconvenientes, que a todos são obvios. Referirei o facto: os mais que o julguem como lhes parecer.

Fui eu accommettido de uma agudissima inflammação na conjuntiva do olho esquerdo; e ou fosse andamento do mal, ou falta da devida precaução, não tardou que sentisse o direito similhantemente affectado. O progresso foi rapido, e o padecimento doloroso.

Fiz o que em taes casos é costume, e nenhum resultado favoravel obtive. Diminua umas vezes, outras augmentava a inflammação.

Alguns dias mesmo, parecia tornar-se em estado de atonia todo o systema visual, sem contudo melhorarem os symptomas inflammatorios.

Facultativos peritos, porque os temos que não invejam aos de nação alguma, me examinaram attentamente. O estado de fulgose propinquo a transcender a séde primitiva, os moveu a aconselhar-me o uso immediato de emmissões sanguineas locaes e geraes; synapismos alternados com pediluvios; colirios demulcentes e effectivos; privação absoluta da acção da luz; comida dietética e mui limitada, etc.

Fui bastantemente indocil a todo este rigoroso regimen; e até passei a imprudente; mas soffri o justo castigo; o mal progrediu.

N'estas circumstancias o Illm.^o Sr. Antonio Maria de Sá, me brindou com um boiãozinho em que havia uma pequena quantidade de pomada, resto que lhe ficára de um caso similhante, em que se viu pessoa de sua caza, e com que havia melhorado. Aquelle boiãozinho quando cheio, levaria apenas duas oitavas, e tinha sido comprado na caza de negocio de Driesel por 640 rs. Recommendava-me usar d'aquillo segundo a explicação impressa, de que vinha acompanhado o boiãozinho. Assim o fiz, e para logo experimentei sensiveis melhoras. A quantidade, por pequena, chegou apenas para tres ou quatro noites; occasião em que se usa, ao deitar, esfregando levemente, com uma pequena porção, a palpebra, e mui principalmente as juncturas de canto a canto. Acabada a pomada, e á vista da sua utilidade, necessario me era, recorrer ao seu vendedor. Lá me pareceu arduo comprar um medicamento, para seu uzo, quem tantos vendia aos outros.

Não comprei. — Fiz meus raciocínios; levei-os á pratica. O resultado coroou as minhas diligencias, e acho-me hoje com uma pomada cujos caracteres, em tudo semelhantes aos da primeira, me convidaram a continuar a cura, que em septe ou oito dias mais estava completamente concluida.

Se a minha pomada não é exactamente a mesma, ao menos tem eguaes ou melhores virtudes medicamentosas.

Calculei o valor dos seus componentes, e ainda o resultado, foi a favor da minha tentativa; deduzindo a vantajosa circumstancia de poder importar, como já disse, na sexta parte da quantia que pela outra se pede.

Tive já occasião de a aconselhar a seis ou septe pessoas, algumas das quaes já tinham experimentado e sem effeito a do commercio; acharam inteiras melhoras, como ellas mesmas confessam.

Lisboa 24 de dezembro de 1843.

Henrique José de Souza Telles.

PAPEIS EPISPASTICOS.

2501 O ARTIGO exarado, sôb esta epígrafe na *Revista* de 28 do corrente, pelo Sr. A. I. S. Freitas Junior, provocou a minha attenção: permitta-se-me aventurar algumas observações sobre um assumpto, de immediato interesse para a humanidade enferma; mormente na presente quadra, em que os vesicatórios estão sendo um efficaz reagente, contra as molestias dominantes.

Se a pomada que nos insinua o Sr. A. I. S. Pinto, para promover a suppuração dos cáusticos, é alguma d'essas composições, que nós temos visto applicar por bárbaros facultativos, que levam o tormento, e o desespero ás fibras do coração do mísero paciente, publicamente lh'a amaldiçoamos. Restituir o enfermo ao seu estado normal, com o menor soffrimento possível, é o empenho mais nobre, e mais digno da respeitavel arte de curar.

Eu sou testemunha ocular, e prática, da benéfica utilidade dos papeis epispásticos; é por isso que ousou corroborar as asserções do Sr. Freitas Junior. Vello ha 18 dias, sobre um doente, a quem se mandaram applicar; e seus proveitosos effeitos tem lisongeadado a minha expectativa.

Lisboa 30 de Dezembro de 1843.

Maria J. S. C.

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

(Carta.)

2502 LENDO eu o artigo 2477, da *Revista Universal* em resposta ao Sr. Antonio José de Sousa Pinto, pharmaceutico n'esta Corte, e ainda que estou persuadido, elle responderá cabalmente, comtudo farei algumas reflexões ácerca do escripto do Sr. Freitas Junior.

Admirando, que o Sr. Freitas, limitado a uma pequena dissertação sobre as applicações que tem feito dos papeis epispásticos do Sr. Albespeyres, assevere que a pomada composta de cera branca, cantharidas, e banha, nenhum doente seria capaz de a supportar na superficie de um caustico (diz o mesmo Sr.); e longe de censurar o Sr. Albespeyres, e limitando-se o Sr. Freitas, á pequena experiencia de alguns doentes, em que diz haver tirado bons resultados dos epis-

pasticos, direi que não se segue por consequência, que muitos outros facultativos não tenham observado o contrario; e a pezar que o julgo habil na faculdade que exerce, permitta-me dizer-lhe, que muitas são as preparações, que o Sr. Freitas ministra aos seus doentes, sem o maior conhecimento dos seus componentes: mas sómente movido pelo espirito de novidade, acarretando para o estrangeiro, o que deve pertencer ao Pharmaceutico nacional; portanto se ainda ignora, deve saber que, a base essencial dos epispásticos do Sr. Albespeyres, é a cantharidina, principio vesicante das cantharidas, segundo o Sr. Robiquet, unida com as substancias oleaginosas, taes como, manteiga de cacáu, spermacete, cera branca etc. etc. — que todas estas substancias modificam sua acção, designando-os com a gradação de n.º 1, 2, 3 e mais, segundo o augmento das cantharidas; e por consequente conhecendo-se os componentes d'esta mysteriosa preparação, cujas formulas tenho, como lhe poderei fazer ver, qual a razão porque em casos de necessidade se não deva preparar a pomada economica, indicada pelo Sr. Pinto, que a meu ver substitue com vantagem os epispásticos d'Albespeyres, podendo-se enfraquecer mais, ou menos, segundo a vontade do facultativo; pois é sempre mais facil modificar sua energia, que accelerar seu effeito? — Tambem os Srs. Facultativos, empregavam a pomada de mezereão, o ceroto de labina, etc. que pelo seu principio estimulante mantêm a suppuração, como fazem todas as preparações de cantharidas.

Quantos doentes tem sido victimas, que poderiam salvar-se, se os vesicatorios podessem obrar instantaneamente!

Os effeitos dos vesicatorios variam segundo a constituição do doente, sua força, ou fraquesa, natureza da pelle, irritabilidade de seus órgãos; determinam muitas vezes a dysuria, a stranguria, o priapismo, a hematuria, e ainda um resultado mais frequente, nas pessoas affectadas de doenças agudas, ou inflammatorias, e uma sensivel reduplicação de todos os symptomas stenicos, febre, cephalgia, frequencia e demora de pulsação, o que tudo isto confirmam os Srs. Louyer, Nillermay, e Baglivi, nas observações que fizeram ácerca dos inconvenientes dos vesicatorios.

Longe estou porém de julgar que o Sr. Freitas ignore quaes os inconvenientes que resultam da applicação dos epispásticos d'Albespeyres em alguns casos, pela morosa irritabilidade produsida sobre a parte enferma, que por esta razão seria preferivel a applicação de causticos volantes.

Que certeza tem o Sr. Freitas para asseverar, que os seus doentes, mormente os dois, que no seu artigo aponta, tenham usado dos epispásticos d'Albespeyres? Talvez, que a pomada da formula do Sr. Pinto tenha servido para não continuarem os damnos, produsidos pelos epispásticos d'Albespeyres em algum dos seus doentes.

Agora, digo (como V.) sempre, que em publico se affirma alguma coisa, cumpre rectifica-la não só pelo amor que devemos consagrar á verdade, mas tambem para não colhermos erroneas conclusões.

Joaquim José de Queiroz e Silva
Pharmaceutico n'esta corte.

N. B. A redacção não approva na carta supra o tom acre, improprio da sciencia e nocivo na disputa.

O TRACTAMENTO DOS LEPROSOS PELO SR. SILVA.

(Carta.)

2503 A CARTA do Sr. José Joaquim de Carvalho, sobre a cura dos leprosos, que vi publicada no n.º 15 da *Revista Universal Lisbonense*, art. 2357, me obriga, mais por interesse publico do que por meu proprio, a fazer algumas declarações; e rogo a V. as queira publicar no seu acreditado periodico, se julgar conveniente a sua publicação.

Ha dois annos que continuamente se teem tractado da cura dos leprosos, e todos que se teem apresentado, que são já um grande numero, teem sido perfeitamente curados, tanto aquelles que teem vindo levemente atacados, como os que já tinham soffrido horriveis estragos.

Alguns doentes teem tido a prudencia de mandar investigar por acreditados medicos d'esta cidade os effeitos do meu curativo, e depois das necessarias observações, estes me teem declarado que estão inteiramente satisfeitos com os resultados, e me teem logo ajustado o tractamento d'aquelles.

Ha bem poucos dias que um respeitavel medico d'esta cidade tanto pelo seu saber como pelos muitos annos que tem de pratica me disse: «continue com o seu curativo que produz optimo resultado; foi um acaso este descobrimento, mas tambem por outros acasos nós curamos muitas molestias.»

Nos primeiros 6 ou 8 dias do curativo soffrem os doentes bastantes dôres, depois d'estes dias pouco ou nada soffrem: ainda nenhum dos meus doentes morreu no curativo, e se o tractamento fosse tão doloroso como imagina o Sr. Carvalho, algum doente já teria succumbido como acontece em muitos outros tractamentos, não obstante o maior cuidado dos facultativos.

Declaro que o curativo é feito quasi todo com plantas indigenas, e muito poucas substancias mineraes entram na composição dos remedios, e estas mesmas as mais usadas pelo vulgo, como enxofre, alvaiade etc. e não entra nenhuma das combinações de mercurio, ou de arsenico: uso tambem de acido nitrico, mas este combiaado com substancias que fazem objecto do meu segredo. Se fizerem tentativas para curar a lepra com as combinações de mercurio e arsenico e acido nitrido expõem-se a matar os leprosos como já a alguns teem acontecido. O que acabo de dizer o affimo debaixo de minha palavra de honra, e talvez em bem pouco tempo conheça o publico a franqueza e verdade com que escrevo.

Ha muito pouco tempo que curei um criado da Illm.ª Sr.ª D. Maria Amalia Baylis de Coimbra, chamado José da Costa Sarrano, havia quatro ou cinco annos que tinha sido accommettido por esta molestia, e já lhe tinha feito bastantes estragos; depois de curado e de ter sabido de minha caza (devendo ainda guardar dieta) fez tantas irregularidades, usando tambem muito de bebidas aguardentadas, e isto junto á jornada que fez para Coimbra em tempo muito chuvoso, que foi atacado d'uma irritação de intestinos da qual morreu. Disse-me pessoa de credito que o cadaver foi levado para o theatro anatomico da universidade e lá examinado por muitos lentes de medicina, e que fôra opinião geral que a lepra tinha sido curada, e que os remedios não tinham causado es-

tragos. Parece-me que seria muito conveniente que o parecer d'esta reunião de sabios fosse publicado, talvez por elle o governo tomasse alguma deliberação que fosse livrar d'uma cruel morte muitos centenares de leprosos.

Se não tivesse tão poucos meios de subsistencia, e uma tão numerosa familia, ha muito que teria publicado todo o curativo da elephancia, o que farei logo que me deem outros meios, ou logo que tenha adquirido algum dinheiro com que possa empregar-me n'outro genero de industria, que de certo me será menos trabalhoso, e menos afflictivo.

Terminarei esta carta já bastante extensa com a declaração, de que minha caza está muito differente do que estava quando o Sr. Carvalho a viu: os doentes estão agora em quartos bem agasalhados, forrados e envidraçados, e com todas as commedidades que são compatíveis com as posses minhas e d'elles.

Aquelles que podem fazer maiores despezas alugam cazas na visinhança, aonde estão com as commedidades que querem.

Sou com a maior consideração e estima

De V. etc.

Porto: Travessa da Rua Bella da Princeza n.º 10
29 de dezembro de 1843.

José da Silva.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O SR. JERONYMO SOARES BARBOSA.

5 DE JANEIRO DE 1816.

2504 Formoso e bemfadado appellido é o de *Barbosa*, como que lhe anda associada a idéa de ingenho fino e primoroso. É já avultado o numero de varões doctos, que, sob tão bella nomeada, logram distincto logar em nossa litteraria historia, e ainda em nossos dias floresceram tres philólogos insignissimos, (cujos nomes acaso terão esquecido, como outros muitos venerandos e dignissimos de memoria) que ensinaram com universal applauso differentes ramos de humanidades no real collegio das artes da Universidade de Coimbra. De cada um d'estes optimos professores faremos commemoração especialissima, que bem a merecem por seus vastos conhecimentos e preciosos escriptos; — e será principio do gostoso desempenho d'esta promessa a do Sr. *Jeronymo Soares Barbosa*.

Nasceu o Sr. *J. S. Barbosa* em *Ancião* a 24 de Janeiro de 1737. Foi educado no *Seminario Episcopal* de Coimbra; então recémfundado pelo virtuoso Bispo D. *Miguel da Annuniação*, e n'elle se ordenou de Presbytero em 1762, e exerceu o cargo de mestre. Em 1766 foi despachado professor de *Rhetorica* e *Poetica* na Universidade de Coimbra, e em 21 de Julho de 1768 fez a sua formatura em Canones. Foi nomeado socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 4 de Março de 1789; jubilado na cadeira de *Rhetorica* e *Poetica* em 23 de Fevereiro de 1790; nomeado visitador das eschólas de primeiras lettras, e da lingua latina na provedoria de Coimbra

em 8 de Julho de 1792; encarregado de promover e dirigir as edições dos Auctores Classicos para uso das escholas por aviso de 13 de Novembro de 1793; nomeado deputado da directoria geral das escholas da criação da dicta juncta em 11 de Dezembro de 1799: socio livre da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 30 de Novembro de 1803. Falleceu aos 5 de Janeiro de 1816.

São muitos os escriptos, que nos deixou este célebre Humanista, e de grandissima valia, o que affiança não o nosso juizo, mas o do eruditissimo *Cenaculo*, o do esclarecido professor de *Rhetorica* e de *Logica* no real collegio dos nobres, e prior de S. Lourenço, *José Caetano de Mesquita* (fez editor de alguns de nossos bons classicos, é traductor excellente das *obrigações civis* de Santo *Ambrosio*, dos *Sermões* de *Massillon*, e outros escriptos.) e o de outros varões de muita e mui depurada litteratura, que com extremos de louvor os censuraram. Do quanto estes escriptos concorreram para o progresso e aperfeiçoamento de nossas lettras, facilmente se convencem os que os houverem lido e meditado. Em verdade na *Eschola Popular* lançou o Sr. *J. S. Barbosa* os fundamentos solidos do ensino methodico das primeiras lettras, que se generalisou em todo o reino pela diligencia desvelada da directoria geral dos estudos e escholas do reino. Publicando as *duas linguas* estabeleceu o methodo são do ensino da grammatica, diverso do antigo e sectario, methodo unico que deve seguir-se nas escholas. Pelas *versões* e *notas* das instituições oratorias de *Quintiliano*, e da arte poetica de *Horacio*, esclareceu e ajudou o estudo da eloquencia prosaica e poetica, que (depois da publicação da *Selecta Rhetorices et Poeticos* em 1828 pelo Sr. *José Vicente*) se acha mais facil e commodo aos estudantes e ainda aos professores.

É lastima que este eminente philólogo não deixasse á nação um *curso de litteratura*: que pela sua profissão, pelo seu distincto talento, e pela sua profunda licção devia dar-lhe; é tambem pena, que se não publicassem ainda as suas *observações grammaticas sobre os principaes classicos portuguezes*. É esta uma obra preciosa que a *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis* devia adquirir, e vulgarisar, que incontestavelmente seria de mais utilidade que a *Chronica do Cardeal Rei, vida de Miguel de Moura*, ou alguma outra publicação d'este genero. Sendo certo que alguns dos nossos classicos nem sempre foram felizes na coordenação de suas orações, commettendo faltas, de que mui justamente os arguem alguns philólogos modernos; não o é menos que existe entre nós uma seita de supersticiosos, que, por conta de escriptores puritanos, que se inculcam, imitam desatinadamente essas construcções viciosas, crendo-se por isso livres de imputação, como se o *non ego paucis offendar maculis* — áquelles como a *Barros*, *Couto*, e outros escriptores d'este tomo, fosse igualmente applicavel. Cremos nós que, para desabuzar estes illusos, muito valeria a leitura d'esta obra, que de juizo tão fino como o do Sr. *Jeronymo Soares Barbosa* fiamos nós, que apontaria todos os desacertos e manchas d'estes honnissimos escriptores, embora disfarçadas pelos matizes de um estilo, pela mór parte, seductor.

R. de Gasmão.

CARTAS DO CONDE DE TAROUÇA: (1)

UM VOL. EM 4.º. MANUSCRITO

2505 O SEculo XVIII estreou-se com dois acontecimentos, que mereceram fixar a attenção da posteridade. Em quanto, ao norte, a espada de Carlos XII ameaçava cortar em flôr a civilização russa, plantada pelas mãos creadoras do Czar Pedro; vinham a braços, no meio dia da Europa, as grandes nações, que disputavam a vasta monarchia de Carlos V, primeiramente repartida entre ellas, sem conhecimento do seu rei, nem consentimento da nação. (2) Mas um d'estes *herdeiros forçados* rasgou a sua carta de partilha, e tomou a si toda a herança. Já não ha *Pyreneos* (disse elle); e o pensamento, que estas palavras revelavam, provocou logo contra seu auctor a mesma resistencia, que outr'ora se havia opposto á politica invasora da cazã d'Austria. Tal foi a origem da guerra da successão de Hispanha, que encheu, com tão varia fortuna, os primeiros quinze annos do seculo passado.

O nosso Portugal, requestado por ambas as partes belligerantes, começou de se bandear com a França por affeição: afastou-se d'ella, por despeito; (3) e ligou-se finalmente á Inglaterra, e seus alliados, por politica (4). Cumpre tomar nota d'esta época de nos-

(1) D'estas cartas não dá noticia o abbade Barboza na biblioteca lusitana.

(2) Foi bem singular o destino de Carlos 2.º de Hispanha. Por duas vezes se lhe partilhou a monarchia, sem audiencia d'elle, nem de seus subditos. A primeira, na infancia, por que enfesada não promettia vingar: a segunda, quasi nos seus derradeiros momentos; e a esta se refere o texto. A primeira foi concertada entre Luiz 14 e o imperador Leopoldo com tamanho segredo, que só de todo se rompeu em 1835. Mignet.

(3) O Sr. D. Pedro 2.º, vendo ameaçadas as costas de Portugal pelas forças navaes sob o comando do cavalheiro Stafford Fairbone, propôz á França, ou que se lhe mandasse uma esquadra, que as pozesse a coberto dos ataques do inimigo; ou então que lhe fosse promettido declarar-se neutral. Quando fez esta mesma proposta á côrte de Madrid, o cardeal Porcarrero, que possuia toda a confiança de Luiz 14, e de Filippes 5, respondeu — *que se não podia esperar outra coisa do rebelde duque de Bragança* — Esta linguagem insolente era [de molde, para desaffeioar as mais estreitas amizades.

(4) Pelo tractado de aliança offensiva e defensiva com o imperador Leopoldo, Inglaterra, e Hollanda, concluido em 16 de maio de 1703. Esta aliança não rebaixou a gloria de nossas armas, que, apesar de revezes, entraram por duas vezes em Madrid; mas feriu gravemente os interesses nacionaes; por que demos para ella sangue, dinheiro, e muitas vezes o campo da batalha, sem recebermos em trôco nenhuma das vantagens, estipuladas, ou alguma equivalente d'ellas. E não arriscarei muito, se disser, que da parte dos nossos fieis alliados nunca houve seria tenção de os chegar a effeito, ainda quando se conseguisse o fim da liga. Ahí vae uma pequena amostra da sinceridade e boa fé d'estes senhores. Badajoz era uma das praças hispanholas que o tractado nos cedia; mas apenas o tinhamos assignado, que o imperador Leopoldo mandava a Londres Mr. Zenzerting, para illudir a cessão de Badajoz, com o fundamento de que, sem esta praça, ficava descoberta a provincia da Estremadura.

Debaixo da influencia do mesmo tractado (e foi este o seu primeiro effeito) concluimos, passados sete mezes, outro de commercio com Inglaterra, em 27 de dezembro d'aquelle anno: tractado que fez esmorecer a nossa industria, que principiava a desenvolver-se, e a medrar, animada pelo genio do Colbert portuguez, o conde da Ericcira. É curiosa e instructiva a historia secreta d'esta negociação. Methuen, embaixador inglez, que a levou ao cabo, escreveu a seu irmão, principal merca-

tos fastos, porque d'ella é que data a decisiva influencia e poderio britânico na direcção dos negocios nacionaes: e tão sem reboço, que lord Aberdeen, actual ministro dos negocios estrangeiros, não teve duvida em declarar na camara dos lords (sessão de 5 de setembro de 1831) que — *as relações d'este paiz (Inglaterra) com Portugal sempre tiveram mais semelhança de relações de mãe patria, e da sua colonia, do que as de dois estados independentes.* (5)

Torno-me ao proposito, de que um pouco me arredei: por mãos de dois homens, o primor da diplomacia portugueza daquelle tempo, correram as principaes negociações que acompanharam a guerra, e conseguiram a paz (6): e foram eltes, o conde de Ta-

dor de pannos em Inglaterra — que tinha convencido os nossos ministros de que os vinhos de Portugal e principalmente os das suas quintas teriam grande e segura sacca, e sobiriam de preço, se Sua Magestade quizesse derogar a pragmatica a favor dos pannos inglezes; mas que era necessario dispôr D. Luiz da Cunha, para que não escrevesse nem pró, nem contra. — *E como os Inglezes (é o mesmo D. Luiz da Cunha quem assim falla em suas memorias) costumam negociar com dinheiro, que poupa muitos argumentos; se me mandou offerer por Manoel Marques uma consideravel somma, para que guardasse silencio.* — O honrado ministro regeitou a proposição, e escreveu para a côrte — que S. M. estava inclinado a levantar a prohibição dos pannos pela conveniencia do maior consumo de vinho, que lhe deixasse a elle tratar o negocio, porque esperava tirar maior utilidade, que a que os inglezes offerenciam — A resposta foi a remessa do tractado, rapidamente concluido; provavelmente porque os Inglezes costumam negociar com dinheiro que poupa muitos argumentos.

(5) Magoa-me dizer, que trasladei estas palavras d'um jornal official portuguez, aonde appareceram sem commento — a gazeta de Lisboa n.º 225, de 23 de setembro de 1831.

(6) Esta paz foi celebrada no congresso de Utrecht, o successo de maior monta do seculo XVIII, salvo com tudo a transformação politica e social de seus ultimos annos. O desamparo em que nos deixaram nossos fieis alliados, e a vizinhança de Filipe V, fez tamanha entrada n'um dos negociadores portuguezes, D. Luiz da Cunha; que este lembrou então a mudança da côrte para o Brasil, com assento no Rio de Janeiro. Levaram-me longe o segui-lo no profundo desenvolvimento do projecto; mas em graça da sua penetração, não posso resistir ao desejo de lançar aqui o seguinte:

Copia da carta, que escreveu a seu sobrinho, do mesmo nome, e secretario de estado — *Acabarei pois esta minha visão (a da mudança) dizendo a V. S. que sem embargo de não ser já tempo de fallar n'ella, pôde vir algum, de que Deus nos livre, em que não seja mal lembrada.* — O alcance d'este engenho subtil me traz á memoria Lord Chesterfield, que em 1749 presentiu a ruina da republica de Veneza, no fim do seculo; e em 1752 que por esse mesmo tempo o officio de rei e de padre não seria metade tão bom como até alli. E são estes presentimentos os que mais concorrem a sublimar o homem de estado, que, para merecer tal nome, não deve viver a dias, mas penetrar no futuro; prever os acontecimentos; e preparar-se d'ante mão, para fazer-lhes rosto.

Em honra da verdade, importa declarar que a primeira idéa da mudança não pertence a D. Luiz da Cunha, mas a D. Pedro da Cunha, que seguiu as partes do Sr. D. Antonio, prior do crato. Este fiel servidor aconselhou ao malaventurado principe, que não tendo elle mais que os agnadeiros de Lisboa contra os vinte e quatro mil homens do duque de Alva; presto se devia embarcar para o Brasil, e assentar ali a monarchia portugueza, conservando o titulo de seu rei D. Antonio despresou o conselho, foi morrer miseravelmente em Pariz. Mas se o tivesse promptamente seguido; se um governo europeu independente, qualquer que fosse a sua fortuna, se transplantasse na terra de sancta cruz, ao cabo do seculo 16; tenho para mim, que este facto, por si só teria dado uma nova direcção á politica dos dois mundos, no interesse da civilização de ambos.

rouca, e D. Luiz da Cunha, de quem farei menção em seu logar. Quanto ao primeiro: João Gomes da Silva, conde de Tarouca, depois de haver feito com distincção as campanhas de 1705, 1706, e 1707, como sargento mór de batalha, general de artilharia, e mestre de campo general; largou a carreira das armas, para se dar todo á diplomacia, na Inglaterra; Hollanda; e na côrte de Vienna, aonde falleceu em 1738. As cartas originaes, que dos primeiros paizes escreveu ao bispo capellão mór, e inquisidor geral, foram colligidas no vol. em 4.º, de que me occupo n'este, e seguintes artigos, sendo a primeira, da data em Londres aos 8 de outubro de 1709, e a ultima da Iaya, em 9 de fevereiro de 1712.

Proponho-me dar aos leitores da *Revista* alguns extractos d'estas cartas, por me parecer que tiram ainda mais á luz a natureza dos successos, e o caracter das personagens, que n'elles representaram. Outro motivo me obriga, e é, que antigamente o manejo dos negocios publicos estava confiado a poucos mãos: as nações lhe eram estranhas; que não tinham ellas cabimento no conselho de seus reis. Pelo que nos toca em particular, se exceptuarmos o periodo da guerra d'acclamação, de que o conde da Ericeira nos relatou, anno por anno, as negociações com os differentes estados da Europa; ha pouco em que pôr os olhos ácerca das nossas transações politicas (7). Este silencio da parte dos governos era uma consequencia necessaria dos principios do direito divino. Como os soberanos recebiam o seu poder unicamente de Deus; estava claro, que só a Deus deviam dar conta da maneira, porque o exercitavam. Mui outros são hoje os principios que regem as novas monarchias: bom é que todos saibam o que a todos interessa, quando da sua publicação não resulta desvantagem publica.

Estas cartas conteem, para assim dizer, a parte anecdotica da missão do conde: a parte official e diplomatica era endereçada ao secretario d'estado, Diogo de Mendonça Côrte Real, para onde aquelle muitas vezes remettia o seu correspondente, certo que na-

Filippe 2.º fez tanto caso do auctor do conselho, que lhe mandou offerer, por um compadre, o titulo de marquez de Santarem, se desse de mão ao partido do prior do crato, e se voltasse para Castella. — *Compadre* (respondeu este portuguez antigo) *em muito má conta me terá elrei, se lhe vender o que é seu; e em muito peor, se lhe vender o que eu entendo que pertence ao Sr. D. Antonio.* — D. Pedro da Cunha, perdida a batalha de Alcantara, foi preso na torre de Belem, aonde morreu com dois grilhões aos pes, deixando a maldição a seus filhos e descendentes, se posessem pedra sobre pedra, em quanto o reino de Portugal fosse governado por algum dos reis de Castella.

Alto com este exemplo ao meio da sociedade contemporanea, sem me lisongear de que terá muitos seguidores. Os homens de Sá de Miranda vão escaceando na proporção, em que augmentam, de dia em dia, — *os escravos humilissimos das circumstancias.*

(7) Esta nossa pobreza é reconhecida pelo Sr. Visconde de Santarem, que, para enriquecer a sua projectada obra — *Corpo Diplomatico Portuguez* — foi mister enterrar-se nas bibliotecas de Pariz, dando-se ao improbo trabalho de folhear milhares, e milhares de manuscriptos, levado do amor da patria, a quem tem feito serviços litterarios de grande conta. Veja-se a sua carta de 4 de junho de 1820, incerta no tom. 1.º dos Annaes das Sciencias das Artes e das Letras; e bem assim as suas memorias, lançadas no tom. 12, 13, e 15 dos mesmos Annaes.

da seria escondido a uma personagem de tamanho vulto nos conselhos do Sr. D. João V.

Na carta, datada em Londres aos 15 de outubro de 1709, dá o conde de Tarouca ao bispo inquisidor e capellão môr, uma ideia geral, bem pouco favoravel, da administração wigh, que então governava Inglaterra — *Aqui (diz o conde) se não cuida em mais que levar boa vida e furtar.* — Pode entrar em duvida, se a noticia foi exagerada; mas o que não padece alguma é a fidelidade do retrato da rainha Anna, que tirou bem pelo natural no seguinte quadro — *Esta rainha que vence batalhas me parece que tem muito pouco entendimento e muita hipocrisia, porque depois que morreu seu marido se tirou do palacio para viver n'uma cazinha em que qualquer escudeiro nosso estaria mal acomodado. . . . Ella me fez muita mais cortezia do que devia, mas não é crível o embaraço com que se atalhou na resposta, de sorte que até lhe esqueceu perguntar-me como ficava elrei, e a rainha nossos senhores, o que fez depois de eu vir já no meio da caza tornando-me acharmar, e tornando a dar os mesmos passos. Os ministros a dominam inteiramente, e lhe não deixam fallar com ninguem em negocio algum ou porque ella o não sabe fazer, ou porque querem que dependa d'elles a resolução.*

O secretario d'estado Sunderland, pela sua posição official, e ainda mais, como genro do celebre Marlborough, que senhoreava a nação pelo prestigio de suas victorias; e a rainha e a côrte pela influencia de sua mulher; merecia, attentas estas circumstancias, que o nosso conde se occupasse particularmente d'elle, como se occupou, descrevendo o seu character n'estas duas palavras — *Sunderland me parece um pataratu, fazendo grandes barretadas e mentindo muito.*

A aristocracia ingleza não é melhor tratada pelo conde de Tarouca — *Os grandes senhores (affirma elle) quazi todos vivem na campanha gastando alli muito mais que na côrte, porque até n'isto são barbaros como em tudo mais, excepto no commercio.*

Não deixa de ser interessante o curto esboço, que faz de Londres, para nos servir como de termo de comparação, entre o que foi esta cidade nos principios do seculo passado, e o que é no meio do corrente seculo — *Esta cidade é muito maior que ahí se cuida, mas não tem edefícios nobres, porque as cazas todas são pequenas e sem pedrarias, e assim o como se deve capitular é uma grande feira de mercadores ricos.*

Alemquer 24 de dezembro de 1843.

(Continuar-se-ha.)

Bento Pereira do Carmo.

Á OFFICIOSA benevolencia do Sr. João de Robredo devemos o seguinte inédito, fielmente copiado do autógrapho pelo mesmo Sr.

Deu occasião a este agradecimento, feito pelo nosso poeta e contra parente Tolentino, em nome de todos seus collegas, officiaes da secretaria do reino ao então ministro Conde de Villa-Verde, o haver este approvado uma tabella, pelo mesmo poeta proposta, para augmento dos emolumentos de graças e mercês.

Estas quadras não são para se egualarem a algumas outras produções da mesma penna: basta porém o serem d'ella, como até pelo sabor se reconhece, para deverem ser conservadas por nós e bem acceitas aos amigos das nossas lettras.

AGRADECIMENTO.

2506 SENHOR, por mil beneficios
Tenho as vossas mãos beijado,
Das mais vezes vinha só;
Hoje venho acompanhado;

Eu venho em nome de muitos,
E em nome da Gratidão,
Pôr nossas humildes boccas
Sobre a vossa illustre mão;

Ella as tira de ociosas;
Ella lhes dá que fazer
Na obrigação de beijar,
No exercicio de comier;

; Ah Senhor, que obra tão justa!
É obra da vossa mão;
É fazer que pague o luxo
Tributos á precisão;

Quem haverá tão iniquo,
E de uma ambição tão crua,
Que infame a nossa fortuna,
Que fez o caminho á sua!

Quem por muito, fôr dar pouco,
Mas com forçada vontade,
É Sectario do Egoismo,
É traidor da Sociedade;

Fazem por vós puros votos
Os peitos imparciaes,
Que assim as communs fortunas
Sabiamente equilibraes;

De altas graças dispenseiro,
Intentaes com mãos prudentes
Repartil-as de tal arte
Que fiquem todos contentes;

Pelo quinhão que nos cabe
Vossa recta mão beijamos;
E sem sermos atrevidos,
Tambem nós vos despachamos;

Benções, amor merecido,
Gratos, ternos sentimentos,
Para uma alma como a vossa,
Não são máus emolumentos.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

2507 *Diario do Governo de 26 de dezembro.* — Tres portarias mandando nomear os louvados de que tracta o artigo 5.º do contracto feito com De Claranges Luccotte sobre a construcção de estradas na provincia do Minho. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 27. — Venda de bens nacionaes.

Idem de 28. — Relação dos réus sentencados a degredo para Angola que partiram na charrua Princeza Real em 14 de dezembro de 1840. Venda de fóros e pensões.

Idem de 29. — Carta de Lei declarando que cessa o pagamento do anno de morto. Outra estabelecendo e regulando o

serviço e as attribuições do supremo tribunal de justiça, e do presidente do mesmo tribunal. Outra regulando os recursos de revista; bem como os agravos de instrumentos e as cartas testimoniaes, sobre o impedimento ou denegação d'esses recursos. Venda de bens nacionaes.

Idem de 30. Venda de bens nacionaes.

TESTAMENTO EXEMPLAR.

2508 Não assombra que no vogar á vella cheia pelo mar da existencia, emquanto no horizonte se não enxerga ainda o porto do desembarque, cada qual só considere o seu oiro como semente de seus prazeres; espanta porém que á hora temerosa de lavrar o testamento, quando já realmente a morte bate á porta, ou pelo menos a lembrança d'ella nos senhorêa, se não deseje sanctificar pela esmola o que se possui, accender a tocha da charidade para o caminho do céu e semear na terra, o que na mesma terra se recolhe, centuplicado em benções que todas são lançadas no livro da conta para encontro e resgate de muita divida. Não queremos nós insinuar que desherde o rico aos de seu sangue e de sua obrigação, posto que este poderia distraír alguma parte do seu cabedal para o allivio dos indigentes, e, segundo a divina phrase, fazer para si thesoiros da Mammona da iniquidade. Mas áquelle a quem nenhuma obrigação ata as mãos para o esmolar, como não occorre, que a viuva amparada, que a orphã dotada, que o menino aproveitado e instruido, que o velho, o enfermo e o preso soccorridos, são glorias segundo o seculo, glorias segundo a philosophia e glorias tambem segundo a religião!

Para melhor embebermos pelo exemplo esta socialissima ponderação nos animos, assim dos testadores como dos tabelliães, que n'essas conjuncturas podem ser conselheiros mui efficazes, dêmo-nos pressa de copiar o seguinte do *Periodico dos Pobres no Porto* de 22 do passado, pedindo áquelles de nossos leitores, que souberem de mais exemplos semelhantes, nol-os communicuem para credito de seus auctores e geral edificação.

« O Sr. Antonio José Ferreira Conta, ultimamente fallecido, deixou em seu testamento os legados seguintes — A' Misericordia 600\$ — ao Hospital da Charidade 200\$000 — á Trindade 200\$000 — ao Asylo da Infancia 200\$000 — á Irmandade de St.º Antonio da Porta de Carros 100\$000 — aos Meninos Desamparados da rua Chã 100\$000 — ás Meninas Desamparadas 100\$ — ás Convertidas da rua Direita 100\$ — ás Entrevadas de St.º Ildfonso 100\$ — aos Entrevados da Charidade 50\$000 — aos Lazaros 50\$000 — ás Lazaras 50\$000 — ás Velbas da Cordoaria 50\$000 — ás dietas de S.º Lazaro, vulgo da Sr.ª das Dores 50\$000 — ás Recollidas mais necessitadas do Ferro 50\$000 — aos Presos mais necessitados da Relação para ser repartidos por elles 200\$000 — para repartir por 24 chefes de familia de maior necessidade que tenham sido expulsos dos seus empregos 24 moedas de 4\$800 — a 24 viúvas honestas e necessitadas 24 moedas — a 24 orphãs honestas e necessitadas 24 moedas — a 24 Egressos de maior pobreza 24 moedas — ao convento de St.ª Clara para ser repartido por 12 freiras das mais necessitadas ainda que sejam d'outro convento supprimido 48 moedas — a 12 ourives pobres d'esta cidade 24 moedas. Deixou mais varios legados a particulares. »

« Deixou mais metade dos juros, se algum dia vierem a receber-se, das apolices do empréstimo forçado de D. Miguel de 6:000\$000, para serem applicados em obras pias e de charidade, viúvas, orphaos, egressos necessitados, etc. As propriedades de casas e capital das dietas Apolices, por morte de seu herdeiro, passarão para a Misericordia, para do seu producto em hasta publica fazer tres montes eguaes

« 1.º para o curativo dos doentes da Sancta Casa, 2.º para ser repartido por todos os seus parentes até os do 4.º grau inclusivè, e 3.º para ser repartido em esmolas e obras pias a viúvas ou orphãs virtuosas e necessitadas, a pessoas e familias virtuosas e miseraveis, a estabelecimentos de charidade, e presos necessitados da Relação; pois que sua tenção é socorrer a virtude opprimida pela necessidade, e tudo que d'esta mira se afastar, se aparta igualmente de sua vontade toda benefica. »

GALARDÃO POSTHUMO.

2509 O Sr. José Silvestre de Andrade, fallecido a 4 de septembro do anno passado, empregou no serviço do banco de Lisboa, como primeiro guarda-livros desde que elle se instituiu, os seus grandes conhecimentos na materia e o mais infatigavel zêlo, tendo sido já elle quem poderosamente contribufra pelas suas luzes para bem se organizar esta proveitosa instituição. Ouvimos que na proxima assemblêa geral dos accionistas alguns d'elles, tencionam apresentar uma proposta, que provavelmente será por todos abraçada, para que se estabeleça, em remuneração aos extraordinarios serviços do Sr. Andrade, uma pensão vitalicia para cinco filhas, que deixou, solteiras, já edosas, e sem mais patrimonio que o bom nome herdado.

Estes exemplos de justo galardão á virtude, provada pelo desinteresse, são dignos de imitação. Por isso registamos este facto, tanto mais apreciavel e honorifico para seus auctores, quanto é rarissimo n'esta idade pobre, egoista e ingrata por excellencia.

OS INNOCENTES.

2510 No dia da commemoração dos Sanctos Innocentes fez a Sancta Caza da Misericordia de Lisboa a sua exposição annual dos engeitados, que n'ella encontram mãe, pãe e providencia. Numeroso concurso visitou aquelle christão asylo: tudo o que n'elle se via augmentava os creditos, grangeados á força de intelligencia, zêlo e perseverança pela muito honrada e muito religiosa junta administrativa.

EDUCAÇÃO DE MENINAS.

PROGRAMMA.

2511 « NA Rua da Bella Vista, n.º 21, 22, e 23, acaba de abrir-se um collegio de meninas debaixo da direcção de Madama Aleman. Ahi se ensina o desempenho de todas obrigações annexas ao governo domestico, a coser, a bordar de todas as maneiras, a fazer flores artificiaes, de cera, lã, oiro, prata, seda froxa, palha, etc. Ensinam-se tambem as linguas Portugueza, Franceza, Ingleza, Italiana, e Hispanhola, Musica vocal, Pianno, Harpa, e Canto, tudo com esmero e perfeição, para cujo fim determinou Madama Aleman receber apenas 8 pensionistas, todas internas. »

« O preço é de 14\$000 rs. mensaes, incluindo o sustento, mas poderá variar segundo as diversas circumstancias de cada menina. »

« As lições de Pianno e Harpa serão dadas por Mademoiselle Carlota Aleman, bem conhecida nesta Capital. »

« Contigua ao local do estabelecimento ha uma quinta muito aprazivel, e perfeitamente cultivada, com excellente vista para o mar e para a terra, bem arejada e sadia, e apta para o recreio e exercicios gymnasticos das meninas, de sorte que ao mesmo tempo que o seu espirito se desinvolve com o carinho-

so desvelo e esforços de madama Aleman, conservarão a saúde e as forças necessarias para adquirir uma educação regular.»

«Mademoiselle Aleman continua a dar lições de Piano, Harpa, e Canto, por casas particulares, no local acima designado.»

Reimprimindo o programma que se acaba de ler satisfazemos a uma obrigação de escriptor publico. Apontamos aos paes de familias mais uma fonte de instrucção aberta n'esta cidade para suas filhas. Quanto ás prendas manuaes em geral e muito particularmente quanto á musica sabemos que não ha n'este annuncio exaggeração; cremos que também não haverá quanto á perfeição das linguas cujo ensino se promete. Ha porém um ponto em que nem programmas nem jornalistas devem ser cegamente acreditados por sua palavra, e que os paes sob pena de gravissima responsabilidade devem em todo o caso examinar por si mesmos e com o maior escrupulo antes de se decidirem a pôr em mãos alheias entes que por todos os titulos elles devem felicitar: este ponto, é a criação moral e religiosa. Se o collegio da familia Aleman se achar, como presumimos que se achará, tão digno de louvores a este respeito, como a outros muitos o é indubitavelmente, as alumnas que d'alí sairem virão habilitadas não só para brilharem nas salas, o que é o menos, mas (o que é o mais e o que é o tudo) para fazerem a felicidade de seus maridos e de seus filhos.

SUICIDIO.

2512 A 29 de dezembro, defronte da praça dos arlequins ao Salitre lançou-se da janella abaixo uma menina de seus dezeseite annos. Ignoramos o que a levou áquelle acto de desesperação, que deixou a sua familia envolta em lucto.

UMA VICTORIA DA ELOQUENCIA.

2513 DE Guimarães, nos escreve o Sr. M. J. de C., — que uma rapariga, pobre e desvalida, accusada energicamente pelo ministerio publico do horroroso crime de infanticidio, tão habil e patheticamente fôra defendida pelo Sr. Bento Antonio de Oliveira Cardozo, que os numerosos ouvintes e os juizes, inundados em lagrimas, se deixaram levar sem resistencia á mais profunda convicção de que a triste rapariga, apresentada em tão horrivel theatro e com papel tão odioso, era innocente. Saíu absolvida, saiu triumphante, e triumphantissimo o seu defensor. Este discurso, diz o nosso correspondente que vae ser impresso, e acrescenta, que se na leitura fór tal qual pareceu, ataviado dos prestigios da declamação, ficará sendo havido por um modelo no seu genero.

RECTIFICAÇÃO.

(Carta.)

2514 NA *Revista Universal Lisbonense* n.º 18 artigo 2469, li a repetição de um factio já publicado na *Restauração*.

Não me cumpre analysar como na mesma declarei, mas cumpre-me responder á parte do seu artigo que me allude.

Quando na *Restauração* n.º 460 me accusaram da falta de cavalheirismo para com o Sr. G., eu declarei o que havia praticado: disse que havia escripto uma carta ao Sr. G., nos termos devidos, da qual

obtive uma resposta evasiva, que conservo. — Não julguei necessario justificar-me quando o auctor da carta da *Restauração* diz «que se não a eguala em nobreza pouco lhe differe» pois julgava ser desnecessario justificar minha jerarchia; porque não préso outra que não seja a de homem de bem. Entretanto apparece hoje no seu acreditado jornal uma nova allusão «só inferior a ella em jerarchia» e é sobre a maneira como sou apreciado pelo auctor d'esta carta que quero dar uma pequena explicação.

Eu sou neto direito do almirante Francisco de Borges Salema Garção, Grã-Cruz da Ordem de Christo, commendador em muitas outras, fidalgo cavalleiro, com exercicio etc. etc. cujo valor foi experimentado em mais de um combate.

Sou filho legitimo do capitão tenente Francisco Salema Freire Garção, fidalgo cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz etc. etc. etc. que sustentou dignamente o seu nome mostrando o seu valor em diversas occasiões; e eu serei também cavalleiro quando quizer pagar os emolumentos que me exigem pelo alvará de *foro grande*, que me compete de direito.

Eis-aqui a minha jerarchia: agora mostre o auctor do artigo, qual a do Sr. G., para que o publico possa ajuizar.

Sr. Redactor, sou cavalleiro, préso mais a minha honra do que a propria vida; motivos estes que me obrigam, e continuarão a obrigar a responder a qualquer reflexão do Sr. D. A. M. da S.; esperando na bondade V. fará inserir no seu acreditado jornal, estas linhas do que lhe ficará summamente obrigado o seu etc. Lisboa 25 de dezembro de 1843.

Antonio Salema Freire Garção.

PREMIADOS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

FACULDADE DE THEOLOGIA. — 3.º Anno. 1.º Premio. Manuel de Sequeira Ferrão. — 2.º dicto. Antonio José de Freitas Honorati. — 1.º Accessit. Joaquim Cardoso de Araujo. — 2.º dicto. Joaquim Alves de Sousa

2.º Anno. Accessit. Antonio de Vasconcellos Pereira de Mello.

1.º Anno. 1.º Premio. Constancio Floriano de Faria. — 2.º dicto. Ignacio do Nascimento Moraes Cardoso. — 1.º Accessit. Jacob de Castro Mendes e Carvalho. — 2.º dicto. João Albino Peres de Sousa.

FACULDADE DE DIREITO. — 5.º Anno. 1.º Premio. Theotónio José Rodrigues de Abreu e Fontes. — 2.º dicto. Carlos Zeferino Pinto Coelho de Castro. — 1.º Accessit. Cassiano Sepulveda Gomes Teixeira. — 2.º dicto. Antonio Ayres Tavares Pinho. — 3.º dicto. José Joaquim Borges. — 4.º dicto. Candido Albino de Freitas Lobo.

4.º Anno. 1.º Premio. João Maria Mergulhão Neves Cabral. — 2.º dicto. Diogo Francisco da Silva Freitas Menezes e Vasconcellos. — 1.º Accessit. Maximiano Xavier Osorio de Figueiredo. — 2.º dicto. Francisco Maria da Guerra Bordalo. — 3.º dicto. José Fernandes Rua. — 4.º dicto. Christovão Pinto Brochado.

3.º Anno. Premio. Antonio José de Barros e Sá.

2.º Anno. 1.º Premio. Joaquim da Rocha Pinto e Sousa. — 2.º dicto. Antonio Augusto de Sousa Pires. — 1.º Accessit. Luiz Carlos Pereira. — 2.º dicto. Ricardo João Pimentel Baptista. — 3.º dicto. — Antonio Gregorio Leitão Corrêa. — 4.º dicto. Antonio Marques d'Andrade.

1.º Anno. 1.º Premio. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. — 2.º dicto. José Maria Caldeira de Casal Ribeiro. — 1.º Accessit. Manoel Thomás de Sousa Azevedo. — 2.º dicto. Paulo Midosi, junior. — 3.º dicto. João Augusto Malheiro. — 4.º dicto. Joaquim Bernardino Cardoso.

FACULDADE DE DEDICINA. — 5.º Anno. 1.º Premio. José Ferreira de Macedo Pinto. 2.º dicto Raymundo Venancio Rodrigues. — Accessit. João Alberto de Vasconcellos.

4.º Anno. 1.º Partido. José Ferreira de Macedo Pinto. 2.º dicto. João Alberto de Vasconcellos. 3.º dicto. Raymundo Venancio Rodrigues. 4.º dicto. Antonio Carlos dos Guimarães Moreira. 5.º dicto. Antonio Ferreira Lima. Premio. Francisco Antunes de Macedo.

3.º Anno. 1.º Partido. José Joaquim d'Abreu Rego. 2.º dicto. Thomás da Piedade Pinto de Figueiredo. 3.º dicto. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão. Premio. Zefirino José Pinto. Accessit. Antonio Eypcio Quaresma de Carvalho e Vasconcellos.

2.º Anno. 1.º Partido. Henrique José de Castro. 2.º dicto. Manuel Maria Barbas. 1.º Premio. Antonio Soares da Silva e Moura. 2.º dicto. Antonio Augusto de Almeida Pinto. Accessit. Manoel de Gouvêa Nobre Coutinho.

1.º Anno. 1.º Partido. José Vicente Barbosa du Bucage. 2.º dicto. Francisco José da Cunha Vianna. 3.º dicto. Alexandre de Moraes Pinto de Almeida. 1.º Premio. Joaquim Urbano Ribeiro. 2.º dicto. Izidoro Emilio Baptista. 1.º Accessit. Albano Mendes d'Abreu. 2.º dicto. Antonio Gonçalves. 3.º dicto. Joaquim José Ferreira. 4.º dicto. José Novaes de Carvalho.

FACULDADE DE MATHEMATICA. — 5.º Anno. Accessit. D. Luiz de Azevedo Sá Coutinho.

4.º Anno. 1.º Premio. Luiz Albano de Andrade Moraes. — 2.º dicto. José Osorio de Castro e Albuquerque.

3.º Anno. 1.º Accessit. Antonio de Serpa Pimentel. — 2.º dicto. José Maria Corrêa da Silva.

2.º Anno. 1.º partido. Caetano Manuel Roque Alvares. — 2.º dicto. Augusto Ernesto de Castilho. — 1.º Premio. Bento de Freitas Soares. — 2.º dicto. Desiderio Antonio Fortunato de Frias.

1.º Anno. Premio. Francisco de Salles Gomes Cardoso.

FACULDADE DE FILOSOFIA. — 5.º Anno. Partido. José Ferreira de Macedo Pinto.

4.º Anno. Partido. Izidoro Emilio Baptista.

2.º Anno. Partido. Caetano Manoel Roque Alvares. — Premio. Desiderio Antonio Fortunato de Frias. — Accessit. Bento de Freitas Soares.

1.º Anno. Premio. Francisco de Salles Gomes Cardoso. — 1.º Accessit. Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.

TRISTE ESTREA DO NOVO ANNO.

2515 No PRIMEIRO dia d'este anno, e logo ao seu primeiro alvorecer, foi achado á Boa Vista um homem já edoso, mendigo segundo parecia, morto, por baixo de uma das janellas da casa da moeda. Conjectura-se — que para se livrar da grossa chuva que de noite caíra, subiria ao peitoril da mesma janella, que por funda offerecia para isso commodidade; mas que pelo declivio que a pedra faz para fóra, resvalaria ou com o somno ou com algum accidente que lhe

desse: ha quatro ou cinco annos já uma creança, andando com outras a brincar, e tendo subido a uma d'estas mesmas janellas, escorregou, e egualmente morreu.

THEATRO DE S. CARLOS.

2516 A NOITE de quinta-feira (27) foi uma das mais esplendidas e variadas que se podem dar n'este theatro; era o *beneficio* do seu director o Sr. A. Porto, que tão bemquisto se tem sabido fazer do publico pela boa escolha dos artistas, que nos tem apresentado, cabendo-lhe a gloria de que, apesar dos escassos recursos que só tem tido á sua disposição, o melhor *baixo*, a melhor *dama* e a melhor *dancarina*, que modernamente temos visto, a elle se devem; e tambem pela habilidade com que sabe desempenhar-se do seu difficil cargo.

Deu-se a maior parte do 1.º acto do *Barbeiro de Sevilha*, essa opera-modêlo no seu genero, que durará no theatro lyrico em quanto no mundo houver bom gôsto. A cavatina de *Rosina* cantada pela Sr.ª Rossi, foi um novo triumpho para a sublime artista. A copia de flôres tão mimosas como bellas, tão brilhantes como perfeitas, que soube esparzir por toda ella; os passos d'agilidade, os saltos, os trilos e as cadencias, executados com primoroso acabamento, por uma voz graciosa, aflautada e afinadissima; tudo mereceu á Sr.ª Rossi esse clamoroso som de palmas e bravos, com que o publico todo a victoriou com entusiasmo. Todavia nem esta brilhante victoria nem o do *rondó* da *Somnambula*, que já d'outra vez mencionámos nos podem fazer mudar da opinião que mais extensamente emitimos n'este mesmo jornal, quando avaliámos o mérito artistico d'esta cantora, de que o seu genero era verdadeiramente o tragico; por isso a Sr.ª Rossi prende e arrebatada na *Anna Bolena*; ahí é toda condigna a dramatica expressão do seu rosto, conveniente a nobreza de seus gestos, apropriado o seu porte magestoso, e perfeitamente fiel e accomodado o seu canto ás palavras, ás phrases, e á situação.

O Sr. *Montemerli* na ária da *Calunnia* da bellissima partitura de Rossini, characterizado em mui bem intendido contraste com Caio Eckerlin, tão engraçado n'esta parte, mereceu uma ampla colheita de applausos, e o seu canto as honras do *bis*, pela graciosidade e intelligencia com que o desempenhou.

A poetica dancarina da *Gisella*, a seductora Willi, a Sr.ª Mabile, que tanto nos tem enfeitado com a firmeza, compasso, agilidade, e graça do seu dançar, deu-nos outra occasião de a applaudirmos com o bonito *passo em character hispanhol* que lindamente executou.

Silva Leal.

MAIS S. CARLOS.

2517 FARIAMOS injuria ao publico se dissessemos, que na segunda-feira 1 de janeiro e na terça immediata a direcção de S. Carlos foi pateada: esses desagradaveis rumores, tão bem afogados pelas palmas, distam muito de opinião publica e muito mais de opinião de intelligentes: tem causas pessoas e mesquinhas demasiadamente conhecidas: são promovidos com o chimérico empenho de desacreditar o que a todos geralmente agrada, e leviaamente seguidos por alguns poucos espiritos turbulentos.

O Sr. Porto, o director mais intelligente que até hoje tem regido a nossa ópera, é iniquamente criminado por alguém por não renovar spectacles todos os dias; sendo aliás certo que, a despeito das difficuldades de todo o genero, com que lhe tem sido forçoso lutar, e que elle mesmo expendeu n'uma declaração tão candida como modesta e respeitosa, nos tem já dado muitas e excellentes representações, e brevemente nos vae dar novas e das mais difficeis.

N'essa mesma declaração lemos nós com prazer o annuncio, de que cedo vamos ter novas partes cantantes, vindas de Italia, e tambem algumas portuguezas, para emfim se dar principio á nossa tardia e suspirada independencia musica, e á ópera nacional, de que só nós, estamos hoje carecendo em toda a Europa; porque os allemães, os inglezes, os russos, os suecos, e até os dinamarquezes, a gente da lingua mais surda e menos lingua de todo o universo, teem já nos seus tablados dramas originaes na sua falla, cantados em musica sua, e pela sua gente. Só este patriótico pensamento e empenho da actual empreza bastaria para a relevar de muitos peccados, se ella os tivesse em realidade.

PUBLICAÇÃO MEDICA.

2518 SAMU á luz — Dissertação inaugural recitada na eschola medico-cirurgica de Lisboa, pelo Dr. Francisco Martins Pulido, no concurso que houve no dia 19 de outubro de 1843, para o logar de demonstrador de medicina da mesma eschola. «*Chimica physiologia non soror, sed ancilla.*»

DICCIONARIO DOS DICCIONARIOS DE MEDICINA, CIRURGIA E PHARMACIA.

2519 SOBREMANEIRA folgámos de ver o programma da obra que se vae imprimir com este titulo, e que se diz, será redigida e publicada por uma sociedade de medicos, cirurgiões e pharmaceuticos distinctos.

É o seu intuito dar na lingua materna «uma bibliotheca completa, ou livro — barato e em poucos volumes — onde o medico, o cirurgião, o pharmaceutico, o jurisconsulto, os portuguezes, finalmente, «que desejam ter conhecimento dos misterios da vida «e da morte, da saude e da doença, achem em ordem «alphabetica, e resumida com a possivel verdade, «clareza e laconismo, a analyse de tudo o que, de «mais util, sobre os interessantes e curiosos ramos de «medicina, tem sido dicto e feito pelos homens de todos os tempos, de todos os paizes, de todas as seitas; e que se acha espalhado por essa innumeravel «e infinda multidão de jornaes, dictionarios, compendios, monographias, memorias, theses, dissertações, etc. etc. etc. antigos e modernos.»

Para base do trabalho escolheu-se o *Diccionario dos dictionarios de medicina de Fabre*, obra saída á luz em 1841 e que já hoje gosa de reputação européa, achando-se traduzida em inglez, italiano e allemão.

«Mas Fabre e seus sabios collaboradores — acrescentam os nossos emprezarios — nenhuma palavra nos «dizem sobre Anatomia geral descriptiva ou topographica, physiologia normal ou pathologica, hygiene publica, historia da medicina, philosophia medica, «therapeutica geral, chimica organica, phisica medica, etc. etc. Nós repararemos uma tão grave

«ommissão a respeito d'estas materias, hoje reputadas «da mais transcendente importancia, e frequente applicação para todo o pratico, com artigos competentes, que — conforme ao nosso plano — redigiremos «resumindo as opiniões de todos os auctores, que sobre a materia tenham escripto.»

«Alem d'estes notaveis melhoramentos, será a obra «enriquecida com um thesoiro verdadeiramente nacional: 1.º, de tudo o que a historia, ou a experiencia de pessoas fidedignas, nos ensinarem que, «sobre cada objecto alli existente, ou por nós adicionado, em Portugal se haja dicto ou feito — digno «de menção. 2.º, de uma noticia circumstanciada sobre a fundação, instituição, governo economico e «policia medica actuaes e statistica das doenças dos «hospitales, e mais estabelecimentos analogos do reino. 3.º, da descripção topographica, meteorologica «e civil, das localidades, onde — no paiz — se encontram aguas mineraes; as propriedades phisicas «d'estas, analyse chimica, usos economicos, modos «de administração, e o que a experiencia de homens «conspicuos houver a seu respeito colhido de util, «ou singular no tractamento das enfermidades. 4.º, «dos sitios, épocas e modos de cultura e colheita das «plantas indígenas, seus usos domesticos, virtudes «de que gozam entre o povo, e meios de as melhorar. 5.º, do character que a nossa posição geographica, mais frequentemente imprime ás diversas «molestias, sua frequencia, e as modificações, que «a sua therapeutica exige em relação á dos paizes estrangeiros. 6.º, de uma tabella, onde se veja a relação, que existe entre os pesos e medidas medicos, nacionaes e estrangeiros. 7.º, de todas as formulas e preceitos pharmaceuticos, das pharmaco«péas legaes do reino. 8.º da legislação portugueza «relativamente ás questões medico-cirurgicas.»

«Daremos estampas, cuidadosamente gravadas, dos «instrumentos, e aparelhos — mórmente pharmaceuticos — para o perfeito conhecimento dos quaes, por «nimiamente complicados, não baste a descripção.»

«Cada objecto será acompanhado da sua bibliographia, onde em lugar d'essas interminaveis listas de «obras e auctores, daremos uma noticia imparcial, «ou juizo critico sobre os melhores escriptos.»

«Por toda a parte nos verão, senão derribar idolos, «ao menos arvorar a bandeira da independencia — em «tudo procuraremos imprimir o cunho da verdade.»

Condições da subscrição. — «1.ª O formato é, pouco mais ou menos, como a *Revista Universal* — papel velino assetinado — typo igual ao do prospecto.»

2.ª «Cada folha de impressão, que é formada por «dezeseis paginas a duas columnas, e contém mais «materia do que dois jornaes politicos, custará a baixa quantia de 50 rs. — egualmente para todos os «assignantes.»

3.ª «Os subscriptores de Lisboa, Coimbra e Porto receberão duas folhas cada semana; aos das outras partes do reino e ilhas serão remettidos — francos de porte — para a cidade ou villa que mais lhes «convenha, livretes de dez folhas.

4.ª «Em cada volume se dará — gratis, para os «assignantes — o retrato de um dos medicos, cirurgiões, pharmaceuticos, ou naturalistas portuguezes, «mais celebres — não existentes. Todavia no primeiro, irá Hyppocrates — como pae da medicina.

5.º «No ultimo volume irão inscriptos, por sua ordem, os nomes de todos os subscriptores, para que a nação saiba a quem se deve a aquisição d'uma obra tão altamente reclamada pelas necessidades do paiz.»

«Assigna-se, e recebe-se toda a correspondencia franca de porte, nas lojas de livros dos Srs. Martin, em Lisboa defronte do chafariz do Loreto n.º 6 — Mesquita, em Coimbra na rua das Covas — Novaes, no Porto «rua das Hortas.»

LONGEVIDADE.

2520 «NA noite de 10 do corrente falleceu uma pobre mulher «viuva, por nome Escolastica, moradora no logar do Araujo, freguezia de Lessa de Ballio, concelho de Bouças, tendo completado 109 annos de idade. Esta mulher viveu sempre pobre toda a sua vida, alimentando-se do suor do seu rosto, e só haverá 12 annos vivia de esmolas dos passageiros que implorava sentada á sua porta, onde ainda ha menos de um anno era vista coser grossas costuras com oculos.»

SACRILEGIO TENTADO.

2521 POR meado dezembro esteve a igreja do Bom Jesus de Bouças de Mathosinhos para ser expoliada. Pela noite lhe começaram a abrir uma brecha na parede exterior, que teria chegado a dentro se a extraordinaria grossura não descoroçoasse os ladrões ou algum rumor de visinhos, os não intimidasse e puzesse em fuga. As pratas da igreja foram — diz os *Pobres no Porto* — passadas para logar seguro.

PREVENÇÃO CONTRA INCENDIOS.

2522 UMA postura da camara da Lisboa de 20 de novembro, de 1843 confirmada pelo concelho do districto em accordam de 27 do mesmo, prohibe para desde o 1.º de julho de 1844 em diante, os alambiques e fabricas de refinação de assucar na capital em cazas, que não sejam ladrilhadas, abobadadas e approvadas por vistoria prévia da mesma camara. A pena aos contraventores é multa de oito mil réis pela primeira vez, o dobro pela segunda e o triplo pelas mais; sendo metade para o municipio e metade para o accusador.

RATOS PROGRESSISTAS E PRÉGADORES DE LONGE.

(Carta.)

2523 PRINCIPIOU o anno célebre n'esta villa, e mais célebre vae acabando: principiou pelos festins nupciaes, que já foram publicados na sua interessante *Revista*, — artigo 1266, — e acaba célebre, pelos seguintes acontecimentos.

No dia 24, ás 10 da noite, estava a igreja cheia de devotos e devotas, que tinham concorrido para verem e ouvirem a missa do gallo, que a irmandade do Sanctissimo costuma fazer com alguma pompa. Tudo estava prompto: vão os padres para o côro para cantarem as matinas; senta-se o organista para tocar. — O orgão não lhe obedece: diz ao rapaz — que puche os foles com alma, — o rapaz esforça-se, porém vendo-se que todo o seu esbaforir-se é baldado, — indaga-se a causa; Oh! consternação! Os ratos haviam roído os foles! Não se pôde fazer mais do que cantar a missa a secco.

No dia 26, os maritimos vão festejar o Senhor Jesus das Misericordias; o juiz tinha encommendado o sermão a um prégador em Lisboa: tudo está prestes: só se espera pelos musicos e orador. Chega o vapor ás 11 e um quarto; vem só os musicos; e o prégador não apparece!

Todos os festeiros ficam de cara a uma banda, entram a dizer mal á sua vida. Eis se não quando vem um sugeito de Lisboa e lhes diz, — principiem a festa se querem; e se intendem que o sermão é indispensavel, remedêem-se este anno com este meu, que não é comprido e vae de graça: — «meus irmãos, quem tiver empenhos de sermões de igreja, não os encomende para Lisboa onde hoje em dia se não usam senão os da politica.»

Assim se fez a festa sem prégação, como sem organ se disséra a missa do gallo. — Alhandra 26 de dezembro de 1843. — *Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.*

A EDADE DE BARRO.

2524 EM *Sancta Anna*, da *Carnota* apparecêra, havia tempos, um pintor, — de liso ou de ornatos não sabemos ao certo — que não achando na terra e nas visinhanças que fazer, parece fóra buscar fortuna em outra parte. Voltou porém depois de algum espaço, trocada já a occupação na de negociante de trigos ou accumuladas as duas — que tambem ao certo não sabemos isto. — O juiz eleito, o Sr. Carlos Rodrigues, feitor da quinta do *Chafariz*, tinha pouca fé no hospede; desengraçava com elle; não havia para isso provas, mas era um sentimento lavateriano. É a caza d'elle precisamente que o nosso commissario se dirige para encetar as suas operações commerciaes. Ajusta um moio de trigo, e recommenda que o vão medindo para embarcar n'essa mesma noite para Lisboa, enquanto elle vae buscar dinheiro á sua poisada. Volta pontualmente, trazendo-o n'um cofresinho, fechado á chave, para o contar na presença do vendedor; abre-o; uma ou duas vezes tira alguns patacos de dentro dos cartuxos, de que está cheio, com que paga aos moços, que ajudam a fazer a medição, e torna a fechalo mettendo a chave na algibeira; — não ha nada como refutar com obras as desconfianças vagas de improbidade.

Mas o tempo apertava: a tarde ia declinando; a bateira devia largar para Lisboa antes da noite; o comprador affligia-se com medo de perder a viagem: pediu ao Sr. Rodrigues, que tivesse a bondade de guardar debaixo de sua mão o cofre, enquanto elle ia embarcar o trigo, depois do que viria contar a paga e levar o restante. O Sr. Rodrigues, que vira que no cofre se continha realmente dinheiro, guardou-o, e deixou sair a fazenda. Passou a noite e não voltou o freguez, nem tão pouco na madrugada seguinte. — Arromba-se o cofre. — Só o primeiro cartuxo era de patacos metalicos: o valor de todos os outros era menos pecuniario do que artistico: emvez de moedas compunham-se de bellas chapas redondas de barro bem cosido, — é verdade que eram lisas, mas se lhes tivessem gravado os cunhos das moedas originaes de algum gabinete numismatico teriam tido, vendidas para algum museu da Europa, muito maior valor do que méros patacões de 40 réis: não lhes faltava senão o cunho (que é um simples accidente).

O vendedor, que não era numismatico nem ao menos geologo, partiu logo para Lisboa, onde já achou o seu trigo desembarcado e deposto no terreiro. Ainda porém anda em procura do artista, que provavelmente a estas horas está fazendo algum painel historico com a letra — *um juiz eleito logrado* — e a data de 26 de dezembro de 1843; sem nome de auctor.